

**ARTIGO**

DOI: 10.22481/praxis.v14i28.3476

**EDUCAÇÃO FÍSICA: REPENSANDO PRÁTICAS PEDAGÓGICAS,  
SOCIABILIDADES E ESPORTE NA CULTURA CONTEMPORÂNEA**PHYSICAL EDUCATION: RETHINKING PEDAGOGICAL PRACTICES AND  
SOCIALITIES AROUND SPORTS IN CONTEMPORARY CULTUREEDUCACIÓN FÍSICA: REPENSANDO LAS PRÁCTICAS PEDAGÓGICAS Y LAS  
SOCIEDADES EN TORNO DEL DEPORTE EN LA CULTURA CONTEMPORÁNEA*Hans Gert Rottmann*

Universidade La Salle – Brasil

*Cleber Gibbon Ratto*

Universidade La Salle – Brasil

**Resumo**

O esporte, um dos fenômenos mais importantes da cultura contemporânea, recebe cada vez mais atenção em suas diferentes manifestações. Da mesma forma, muito tem se discutido sobre seu uso e prática nas aulas de Educação Física. Novas perspectivas teóricas têm tratado diferentemente o esporte na educação. Distante do que teóricos sugerem, boa parte das aulas continuam acontecendo baseadas no modelo de esportes de rendimento. O presente estudo busca resgatar o momento em que o esporte ganhou espaço nas aulas de Educação Física até passar a ocupar uma posição de destaque, estabelecendo um diálogo com as tendências e práticas pedagógicas da área voltadas ao ensino e finalidades do esporte educacional. Logo, seu objetivo é analisar questões que tratam sobre o desenvolvimento do esporte nas aulas de Educação Física, propondo práticas pedagógicas e ações que possam estar vinculadas ao processo formativo e educacional dos alunos e suas sociabilidades. Este ensaio busca provocar reflexões que possam permitir a melhoria do desenvolvimento do ensino e prática dos esportes na escola, visando à educação, formação e cidadania dos alunos. Ao concluir, os autores entendem que o esporte pode ser fundamental para a educação, não classificando alunos conforme méritos esportivos, mas considerando suas individualidades e diferenças para motivar práticas que tornem os alunos conscientes de seus papéis e responsabilidades na sociedade.

**Palavras-chave:** Educação Física. Contemporaneidade. Sociabilidades.**Abstract**

Sport, one of the most important phenomena of contemporary culture, receives more and more attention in its different manifestations forms. One has been discussed a lot about its use and practice in physical education classes. New theoretical perspectives have treated sports differently in education. It is far from what theorists suggest, and a lot of the classes continue to be based on the model of performance sports. This study tries to recover the moment when sport got space in physical education

classes until it reaches a highlight place, establishing a dialogue with the tendencies and pedagogical practices of the area. Its goal is to analyze issues that deal with the development of sport in physical education classes, and to propose pedagogical practices that may be linked to the educational process of the students and their sociabilities. The essay tries to provoke thoughts that allow the improvement of development of sports teaching in school, aiming at the students' education, academic education and citizenship. In conclusion, the author understands that sport can be fundamental to education, not classifying students according to sport merits, but considering their individualities and differences to motivate practices that make students aware of their roles and responsibilities in society.

**Keywords:** Physical Education. Contemporaneity. Sociabilities.

### Resumen

Deporte, uno de los fenómenos más importantes de la cultura contemporánea, recibe cada vez más atención en sus diferentes formas de manifestaciones. No diferentemente, mucho se ha discutido sobre su uso y práctica en las clases de educación física. Nuevas perspectivas teóricas han tratado diferentemente el deporte en la educación. Distante de lo que teóricos sugieren, buena parte de las clases siguen ocurriendo basadas en el modelo de deportes de rendimiento. El presente estudio se presenta buscando rescatar el momento en que el deporte ganó espacio en las clases de educación física hasta pasar a ocupar una posición de destaque, estableciendo un diálogo con las tendencias y prácticas pedagógicas del área orientadas a la enseñanza y finalidades del deporte educacional. Su objetivo es analizar cuestiones que tratan sobre el desarrollo del deporte en las clases de educación física, y proponer prácticas pedagógicas y acciones que puedan estar vinculadas al proceso formativo y educacional de los alumnos y sus sociabilidades. El ensayo busca provocar reflexiones que puedan permitir la mejora del desarrollo de la enseñanza y práctica de los deportes en la escuela, visando a la educación, formación y ciudadanía de los alumnos. Al concluir, el autor entiende que el deporte puede ser fundamental para la educación, no clasificando alumnos conforme méritos deportivos, pero considerando sus individualidades y diferencias para motivar prácticas que tornen los alumnos conscientes de sus actuaciones y responsabilidades en la sociedad.

**Palabras clave:** Educación física. Contemporaneidad. Sociabilidades.

### Introdução

Na cultura contemporânea, os esportes vêm ocupando um lugar de destaque e relativa centralidade, sobretudo os esportes de rendimento. Seja no universo do empresariamento esportivo, dos “megaeventos” ou mesmo no imaginário social que se constrói em torno dos esportes e seus atletas – como ideais de sucesso e prosperidade –, o esporte, como prática social e educativa, se vê de certo modo esvaziado de sua função formativa e de sociabilidade humana. Evidentemente, tais traços não são exclusivos dos esportes em geral, ou do futebol especificamente – como modalidade de grande predileção, mas revelam, de modo bastante emblemático, valores de uma cultura cada vez mais orientada para o desempenho, a competitividade, o espetáculo e a individualização do “sucesso”. Vários são os estudos que

corroboram essa compreensão (VAZ, 2008; 2016; AZEVEDO; GOMES FILHO, 2011; BRACHT; ALMEIDA, 2013; SAYÃO, 2015; GONÇALVES JUNIOR, 2016; SILVA; NETO, 2017; MEZZARROBA, 2017).

É neste contexto que as práticas esportivas escolares são agenciadas por forças e interesses que excedem, em muito, os objetivos expressos nos projetos pedagógicos e na fala de educadores, quando chamados a se posicionarem sobre o sentido das práticas esportivas nas escolas e sobre o papel desempenhado pela Educação Física frente a isso.

Como um fenômeno complexo, multideterminado e atravessado por vetores históricos, políticos, econômicos, sociais, éticos e estéticos, a prática esportiva no contexto escolar, e também fora dele, precisa ser compreendida de modo complexo e multirreferencial, não se restringindo a descrever práticas ou “desvendar” sentidos ideológicos supostamente subjacentes a elas. Trata-se de oferecer elementos analíticos para compor uma compreensão do fenômeno e reposicioná-lo em sua historicidade, identificando os traços do passado, no presente, mas, também, os traços de abertura para um futuro distinto daquilo que temos feito até agora.

Ao propor tratar as questões que envolvem as práticas pedagógicas em torno do esporte nas aulas de Educação Física, o presente ensaio irá resgatar elementos da história da Educação Física, procurando entender o contexto em que o esporte foi inserido nesta disciplina, até ocupar lugar de destaque. A partir de questionamentos sobre o modo que o esporte tem sido trabalhado nas aulas, bem como de reflexões baseadas em tendências pedagógicas mais recentes, o texto procura apontar novos caminhos e práticas pedagógicas que possam contribuir, de modo eficaz, para o processo de formação e educação dos alunos, favorecendo suas sociabilidades, visando seu desenvolvimento integral e a conquista da cidadania.

### **O surgimento do esporte nas aulas de Educação Física**

A relação dos esportes com a educação não é nova, uma vez que, na Idade Antiga, o esporte já era visto pelos gregos como um componente importante na educação (KORSAKAS; ROSE JR, 2002). Lessa (2008), reafirmando o que Kyle (2007) destacou sobre a prática esportiva na Grécia Antiga, vai mais longe, lembrando que, para os gregos, o esporte não apenas era um componente da educação, mas era um dos elementos essenciais da “boa” educação, na qual os indivíduos, além de se estabelecerem socialmente, poderiam canalizar a

agressividade e, ainda, se preparar para eventuais conflitos, mesmo que, por vezes, apenas para honrar heróis em eventos festivos.

Interessante notar, porém, que a partir do momento em que a Educação Física (inicialmente chamada de ginástica) passou a fazer parte do currículo escolar no país<sup>1</sup>, o esporte não figurava como um de seus conteúdos, já que as atividades se restringiam a prática da ginástica, alicerçada em uma perspectiva higienista<sup>2</sup>.

Lima (2015), ao falar sobre os fins da Educação Física naquele período<sup>3</sup>, salienta que esta buscava melhorar a condição de vida dos cidadãos, proporcionando uma educação do corpo para que, de um modo geral, todos pudessem desenvolver um físico saudável e menos suscetível às doenças. Gois Jr. (2000) comenta que sempre existiu o interesse comum na divulgação de hábitos de higienização, normas de prevenção e cuidados com o corpo, considerando que seus objetivos não eram simplesmente atender os interesses de determinada classe social, mas também fazer com que os conhecimentos científicos pudessem melhorar a vida coletiva.

Bracht (1999), em seus estudos, também lembra outro aspecto importante sobre a constituição da Educação Física como prática pedagógica nas escolas. Segundo este autor, além da forte influência da medicina, a Educação Física foi influenciada diretamente pela instituição militar. De acordo com o autor, no exército havia exercícios sistematizados que foram ressignificados pelo conhecimento médico. Isso foi feito numa perspectiva terapêutica, mas também pedagógica. Nesse sentido, educar o corpo para a produção significava também “promover saúde e educação para a saúde”.

Em razão da inexistência de faculdades de Educação Física naquele período, e por acontecerem, no exército brasileiro, atividades e exercícios físicos parecidos com aquilo que se imaginava realizar nas escolas, a inserção dos militares no desenvolvimento das aulas de Educação Física foi o caminho escolhido. Castro (1997) descreve esse momento ao afirmar que o ponto de partida para a utilização da Educação Física pelos militares no Brasil, inclusive como instrumento de intervenção no meio escolar e social do país, foi o anteprojeto

<sup>1</sup> Por meio do decreto nº 1.331 A de 17 de fev. de 1854 e aprovado pelo Min. do Império Luiz Pedreira Couto Ferraz, a disciplina ginástica deveria fazer parte no Ens. Primário e no Ens. Secundário.

<sup>2</sup> De acordo com Gois Jr (2000), surgiu um discurso no final do século XIX e começo do século XX denominado movimento higienista, que recomendava a defesa da saúde pública na educação, bem como no ensino de novos hábitos.

<sup>3</sup> As aulas desenvolvidas no Brasil naquele período sofreram também fortes influências dos métodos ginásticos europeus que se estruturavam em princípios biológicos e faziam parte de um movimento de natureza política, cultural e científica.

do ministro da Guerra, assinado em 1929, que sinalizava que a Educação Física desenvolvida nos ambientes militares deveria ser estendida a todas as escolas civis.

A realização de práticas físicas começou a ter relação, assim, com questões que diziam respeito ao patriotismo e o civismo. Souza (2015) observa que o Estado procurou desde o século XIX criar um sentimento de nacionalidade e patriotismo entre as famílias e o Estado, e a escola passou a ser um espaço propício para isso.

A escola, como espaço de sociabilidade, de constituição de comportamentos e de saberes, apresentava-se como ambiente privilegiado para a prática de atividades físicas e esportivas, não somente porque atingia um número significativo de jovens, mas porque permitia a criação de um sentimento de pertencimento à pátria. (SOUSA, 2015, p. 386).

Somente após este período é que os esportes acabaram surgindo nas aulas de Educação Física. Magalhães (2005) lembra que os esportes apareceram nas aulas desta disciplina após a II Guerra Mundial, tornando-se um conteúdo hegemônico, tanto nas escolas de 1º como de 2º graus. No Brasil, esse processo ocorreu por volta de 1950, sob a influência do Método Desportivo Generalizado, criado na França por Auguste Listello<sup>4</sup>. Voltado para a educação de jovens e de adultos, o método apontava para o incremento de jogos e esportes nas aulas de Educação Física.

Battistuzzi (2005, p.12) sinaliza que um pouco mais tarde, a partir da década de 70, o esporte passou a se unir de vez à Educação Física, destacando que:

[...] através do Decreto n. 69.450 de 1971 foi dada ênfase à aptidão física e a iniciação esportiva na Educação Física escolar, buscando a descoberta de novos talentos, pois além da preocupação com a segurança nacional, também havia interesse que a nação trouxesse mais medalhas e grandes resultados em eventos esportivos internacionais. (BATTISTUZZI, 2005, p.12)

Assim, alunos dotados de melhor rendimento esportivo passaram a receber mais oportunidades, ocupando o centro da atenção nas aulas. O processo de inserção do esporte nas aulas de Educação Física foi guiado por um roteiro que ensinava técnicas esportivas, buscando desenvolver atletas e descobrir talentos. Tal característica indica que os professores atuavam como treinadores, e não como educadores. O que aconteceu de lá para cá não é

<sup>4</sup> Auguste Listello, nascido na Argélia, foi um professor que se naturalizou francês e teve grande importância na criação e divulgação do Método Desportivo Generalizado. Foi diretor do Instituto Nacional de Esportes da França.

novidade, tendo o esporte se tornado o conteúdo mais desenvolvido na grande maioria das aulas desta disciplina.

Realizando um paralelo com as aulas de Educação Física nos dias de hoje, Carlan, Kunz e Fensterseifer (2012) justificam a continuidade da relação intensa com o esporte afirmando que tal fato decorre em razão da expressão forte que este possui dentro da cultura corporal de movimento no mundo hoje. Os autores comentam ainda que o sistema esportivo enxerga na escola possibilidades de fomentar valores sociais e construir hábitos, e, o esporte, por sua vez, pode ser esta ferramenta voltada a princípios educativos (KUNZ; FENSTERSEIFER, 2012).

Nas últimas décadas, porém, questões que discutem sobre o modelo dos esportes de rendimento na Educação Física geraram novas discussões e foram formuladas críticas incisivas aos modelos e práticas pedagógicas ligadas ao treinamento esportivo, principalmente no que diz respeito ao papel educativo que pode estar vinculado ao esporte.

Betti e Zuliani (2002) chegam a comentar que as finalidades da Educação Física estão inseridas em um novo contexto histórico, onde os objetivos e a própria concepção desta disciplina na escola necessita ser repensada, precisando necessariamente existir uma transformação nas práticas pedagógicas.

Bracht (2000) acredita que por mais que o tema nunca tenha saído efetivamente da pauta de discussões, questões que abordam o assunto esporte na escola e o esporte de rendimento parecem renascer em debates e preocupações de estudiosos da área, gerando novamente aspectos polêmicos.

Gonzales e Pedroso (2012, p.1) alertam em seus estudos que:

o esporte como conteúdo de Educação Física Escolar precisa ser refletido, e como prática social que institucionaliza temas lúdicos da cultura corporal, deve ser analisado nos seus variados aspectos para determinar a forma que deve ser abordado pedagogicamente no sentido de caracterizá-lo como “da escola”, onde está a serviço da instituição educacional ou de valores educativos, e não “na escola”, que está a serviço da instituição esportiva.

### **Novas propostas pedagógicas na Educação Física e o cenário presente**

Como se viu anteriormente, o surgimento do esporte nas aulas de Educação Física ocorreu em um contexto onde o ensino e a prática docente voltava-se para o desenvolvimento de habilidades esportivas de rendimento, na melhoria das capacidades motoras e na

valorização de boas marcas e conquistas esportivas. Neste cenário, eram valorizados os alunos que apresentavam melhor desempenho.

Contudo, a partir da década de 80, principalmente a partir de debates na área educacional, surgiram outros meios de ver e pensar a Educação Física escolar, especialmente no que se referia à hegemonia do esporte nas aulas e à preocupação acentuada no rendimento esportivo. É possível dizer que a Educação Física escolar tem ocupado o centro de várias discussões e reflexões no interior das universidades, resultando em um número significativo de publicações de artigos e livros desde o final da década de 80 (DARIDO; LAVOURA; BOTURA, 2006, p. 203).

Esse novo olhar sobre a Educação Física proporcionou o surgimento das chamadas propostas “renovadoras” que buscaram mudanças de cunho didático-pedagógicas e caminharam para explicar o sentido e importância desta disciplina e sua prática na escola.

Algumas perspectivas surgidas a partir de então são apresentadas a seguir:

a) Abordagem Crítico-emancipatória: De acordo com Elenor Kunz, idealizador da abordagem crítico-emancipatória, “o esporte ensinado na escola enquanto cópia irrefletida do esporte de competição ou de rendimento, só pode fomentar vivência de sucesso para a minoria e o fracasso ou a vivência de insucesso para a maioria” (KUNZ, 1994, p. 125). Os autores Junior, Secreto e Menegon (2017) informam que, nessa perspectiva, o esporte é uma ferramenta pedagógica, sendo que sua finalidade não aponta para que, ao final da aula, o aluno aprenda o esporte propriamente dito, mas que, por meio deste, consiga fazer reflexões críticas sobre o meio no qual está inserido, conseguindo ser capaz de construir reflexões e conquistando sua emancipação. Nessa tendência, deve ser favorecido o diálogo entre professor e aluno, e entre os próprios alunos, valorizando a interlocução. O professor deve criar situações-problemas para que os alunos sejam desafiados e conheçam suas possibilidades, desenvolvendo seu potencial.

Para que o esporte possa ser praticado na escola, é preciso analisar quais os interesses, desejos e necessidades que formam a instituição. O fenômeno social do esporte deve ter a capacidade de colocar o praticante na situação dos outros participantes no esporte; ser capaz de propiciar a visualização dos componentes sociais que influenciam todas as ações socioculturais no campo esportivo; além de poder desenvolver as competências da autonomia, da interação social, bem como da competência objetiva (TAFFAREL; MORSCHBACHER, 2013, p.49).

b) Abordagem Psicomotora: De acordo com a Sociedade Brasileira de Psicomotricidade (SBP), a psicomotricidade é um termo usado para uma concepção de movimento organizado e integrado, decorrente das experiências vividas pelo sujeito, sendo que a ação é resultante de sua individualidade, sua linguagem e sua socialização (2017, s/p). Seu principal autor é o francês Jean Le Bouch. Ainda que nesta abordagem os esportes não sejam o foco principal, já que ganham espaço as atividades e meios para a reabilitação, integração e readaptação – com grande valorização da coordenação motora, da lateralidade e do esquema motor, é possível afirmar que ela pode ser integrada a outras abordagens da Educação Física, servindo inclusive como instrumento auxiliar a outras metodologias que possam estar se apropriando dos esportes para as aulas de Educação Física. Durante as aulas da disciplina é possível trabalhar todos os conceitos da motricidade humana como resultado de um trabalho que visa desenvolver o prazer pela atividade física, lúdica e autônoma, em que os alunos realizam aquilo que mais lhes dá prazer, ou seja, saltar, andar, transportar, rebater, correr, equilibrar, chutar. De acordo com Castro (2008, p. 1), “dentro do ensino dos grandes jogos e dos esportes também trabalhamos a psicomotricidade, porque os educandos ao realizarem essas atividades estarão pensando, agindo e sentindo”.

c) Abordagem Desenvolvimentista: De acordo com Go Tani (2008), esta abordagem coloca o movimento humano como centro das preocupações. Assim, o movimento é interpretado na dinâmica interação do ser humano com o meio ambiente, bem como dentro do ciclo de vida de uma pessoa, enquanto um elemento que contribui para uma crescente ordem no sistema. De acordo com Daolio (2003, p. 119):

O indivíduo, nessa abordagem, é considerado possuidor de cultura e possuidor de uma dimensão cognitiva e afetivo-social, mas é tomado, primeiramente, como indivíduo que expressa um desenvolvimento motor, aliás, como sugere a própria denominação da abordagem. O homem na abordagem desenvolvimentista é tomado principalmente como homem motor.

d) Abordagem Construtivista/Interacionista: Nesta perspectiva, busca-se a construção do conhecimento decorrente da interação da pessoa com o mundo, em que o universo cultural do aluno deve ser respeitado, ocorrendo uma imensa exploração de diferentes possibilidades educativas, como jogos lúdicos e jogos espontâneos. Há preocupação na realização de desafios, com os quais tarefas cada vez mais complexas e desafiadoras são dadas aos alunos, visando a construção do conhecimento. Seu principal colaborador foi João Batista Freire. Contrário às aulas de Educação Física que visavam o desempenho máximo de cada aluno no

desempenho das atividades e do esporte, o autor acredita que o corpo e a mente precisam ser entendidos como elementos que compõem um único organismo (FREIRE, 1992).

Como é possível perceber, pelo menos há 40 anos, pesquisadores e estudiosos têm discutido questões que não se restringem somente à dimensão esportiva adotada nas aulas, mas têm debatido sobre a própria importância desta disciplina para a formação humana, principalmente no que se refere aos aspectos educacionais, sociais, morais e éticos, combinados com vivências e aprendizagens que possam ser significativas para a vida dos alunos.

Korsakas e Rose Jr. (2002) comentam sobre as transformações, que, ao menos teoricamente, surgiram ao longo do período destacado:

Se no início da sua trajetória o esporte moderno parece ter favorecido a ideia de que a sua prática com fins educativos e a outra que tem a finalidade de aferir a melhor performance poderiam se equivaler, fosse na escola ou nas Olimpíadas, no decorrer do seu desenvolvimento no século XX foram identificados vários problemas geradores de importantes críticas que culminaram em uma revisão conceitual, baseada em discussões que giraram em torno da busca de uma compreensão mais ampla do esporte como fenômeno social e cultural, rompendo com a perspectiva única do rendimento. (2002, p. 84).

Desse modo, o que é possível identificar é que, ao longo das últimas décadas, ocorreu uma espécie de abertura na Educação Física, que passou a abdicar de aspectos voltados à superação de marcas e perfeição técnica para recolocar os alunos em condições iguais de desenvolvimento, valorizando ímpares potencialidades e diferenças.

Contudo, uma questão inquietante se apresenta e necessita ser discutida: estariam realmente os alunos sendo contemplados por diferentes práticas pedagógicas que apontam para este rol de objetivos e metas das “novas” tendências pedagógicas da Educação Física? Ou ainda existiriam, na maioria das escolas, a classificação de alunos de acordo com a *performance* desenvolvida principalmente nos esportes? Ainda: estariam sendo trabalhadas, nas aulas de Educação Física, manifestações corporais ou atividades esportivas que desenvolvam a cidadania, o respeito às diferenças e a construção de valores sociais que parecem cada vez mais ausentes no mundo de hoje? Ou mesmo após o desenvolvimento de estudos, resultantes de preocupações e pesquisas na área, professores continuam apenas reproduzindo e ensinando gestos motores mecanizados e, quando muito, desenvolvendo fundamentos técnicos e habilidades específicas de certos esportes? Pereira (2007) responde que é possível perceber o quanto, com o auxílio da mídia e de outros dispositivos culturais, o

esporte de rendimento se tornou a base para o esporte escolar e, dessa forma, todas essas características negativas do esporte de rendimento foram transpostas para as práticas educativas escolares.

Parece-nos um aspecto alarmante imaginar que mesmo após pesquisadores criarem novas propostas e caminhos, boa parte das aulas continue a se basear fundamentalmente na aptidão física e no esporte de rendimento. São questões que levam a reflexões e perturbam, já que mais valem reformulações no modo de ensinar, a partir do momento em que a dimensão teórica for aproveitada para ganhar o campo prático.

Pereira (2007) acompanhou o desenvolvimento de aulas de Educação Física em uma escola pública em São Paulo. Em suas observações, constatou que tais aulas eram totalmente voltadas à prática esportiva das modalidades de futebol e voleibol. Os alunos que não gostavam destes esportes ou que possuíam poucas habilidades para executá-los, eram naturalmente excluídos das atividades e não faziam nada durante o transcorrer da aula. O pesquisador concluiu que não foi manifestada qualquer preocupação ou ação da professora de Educação Física para alterar esta situação (PEREIRA, 2007).

Mourão, Moreira e Silva (2011, p. 2) comentam sobre o espaço dos esportes nas aulas de Educação Física e algumas situações que podem fazer com que alguns alunos deixem de participar destas. Segundo eles:

Estudos apontam que diferentes situações nas aulas provocam variados tipos de exclusão, e algumas categorias implicadas nestas situações são: gênero, etnia, habilidade, “esportivização”, aptidão física e afinidade. A “esportivização” está sendo entendida como a prática recreativa do esporte. Pesquisas indicam que hoje na Educação Física Escolar, a predominância do conteúdo esportivo nas aulas faz com que os meninos façam da aula um ambiente de treino e não de aprendizagem.

A partir destes exemplos e daquilo que, em análises não sistemáticas, é possível identificar, acreditamos não ser exagero imaginar que tais situações podem estar acontecendo em boa parte das escolas brasileiras.

### **Reflexões sobre as práticas pedagógicas escolares com o conteúdo “esporte”**

Reconhecendo a complexidade e importância do tema abordado, cientes de que exemplos isolados não podem ser considerados como regra geral, mas, ao mesmo tempo, certos de que a qualidade das aulas de Educação Física voltadas ao ensino e prática dos

esportes, em grande parte das escolas, é questionável, este ensaio não tem a pretensão de apontar uma fórmula que possa causar transformações imediatas. Cabe, no entanto, justificá-lo a partir de uma revisitação e imersão nas tendências pedagógicas mais recentes da Educação Física, com o intuito de identificar como estas podem auxiliar professores em suas práticas pedagógicas, e também a ganharem mais espaço no campo prático do ensino e desenvolvimento dos esportes na escola.

Pensamos que o ponto de partida para isso passa necessariamente pelo entendimento de quais são as finalidades do esporte nas aulas de Educação Física, ou seja, ter juízo do que significa o esporte como um instrumento voltado à educação. Assim, diferentemente do esporte com uma dimensão de rendimento ou participativa, e exclusivamente voltada ao lazer, o esporte educacional pode ser compreendido, conforme Bento (2006, p. 53) nos indica:

As atividades esportivas são concebidas e intencionadas como motivos e oportunidades para objetivos educativos situados além do fortalecimento, da funcionalidade e expressividade do corpo. O terreno esportivo é um espaço por excelência, de formação e educação e desenvolvimento da personalidade, de florescimento do Eu moral. Enfim, o esporte é uma forma de educação moral, cumprindo funções ao serviço de uma elevada formação ética dos indivíduos e da saúde moral da sociedade.

Entendemos, por conseguinte, que o esporte, em uma concepção educacional, deve ser compreendido como uma atividade humana voltada para o desenvolvimento integral dos alunos, proporcionando qualidade de vida e saúde, favorecendo o desenvolvimento da autoestima e contribuindo para a socialização destes. Machado, Galatti e Paes (2015) comentam que sempre existe um componente educacional no esporte e que, durante os momentos em que ele é desenvolvido, ocorrem trocas de informações e relacionamento interpessoal, fazendo com que estes momentos sejam marcados por processos de educação formal, não formal ou informal.

Práticas ligadas ao esporte durante as aulas devem ser trabalhadas a partir de ações pedagógicas que favoreçam a participação, a cooperação, a responsabilidade, a educação e ainda a inclusão. Destacando a importância da ação e intermediação do professor, Silvério (2010, p. 17) nos diz que “o papel fundamental que o professor deverá ter é com a integração de todos os alunos sobre a mesma condição de se fazer a prática escolhida, comprometendo-se pela igualdade de oportunidades de construção de conhecimento dos alunos”.

Galatti e Paes (2006), por sua vez, pensam de modo semelhante ao afirmarem que a Educação Física escolar deve dedicar-se à formação integral dos alunos, atuando sobre

diferentes dimensões de sua vida e desenvolvimento: motor, cognitivo, afetivo e social. Logo, deve constituir-se como um espaço privilegiado de observação, manifestação e transformação de princípios e valores, permitindo aos alunos transporem tais saberes para além do ambiente escolar.

Já Nogueira (2014, p. 20) comenta que o esporte “apresenta aspectos focados no modo como os sujeitos se formam como cidadãos e suas capacidades de interpretação e ação em diversas esferas da vida social”. Em outras palavras, o esporte, na escola, quando desenvolvido corretamente e bem orientado, pode proporcionar aprendizagens significativas que irão servir para toda a vida dos alunos, contribuindo fortemente para sua formação e cidadania. A metodologia e ação docente devem proporcionar aos alunos vivências que servirão como experiências e exemplos por tempo indeterminado, e, o mais importante, para seu futuro, dentro e fora do ambiente escolar.

Ao pensar que os benefícios da Educação Física podem ultrapassar os muros da escola, torna-se importante também perceber o que há do outro lado, ou seja, identificar características e problemas que estão emergindo nas ruas ou outros locais de circulação da sociedade. O olhar para fora da escola pode retratar problemas sérios, com resoluções complexas. Identifica-se, por exemplo, marcas cada vez mais fortes da violência, da intolerância e da barbárie em jovens com dificuldades de aceitar as diferenças e, mais do que isso, em respeitar o espaço alheio e conviver com divergências de opinião e escolhas. Tais problemas, evidentemente, estão envolvidos em esferas sociais, políticas e econômica, mas dizem respeito também à educação. Nesse sentido, não poderiam as aulas de Educação Física e as práticas pedagógicas em torno dos esportes servir para trabalhar valores morais e éticos, por exemplo? Valores estes que deveriam nortear as práticas esportivas? Os professores não poderiam aproveitar melhor as possibilidades existentes nestas práticas para educar, inibir e corrigir os alunos se necessário?

A partir desta compreensão é possível entender que a dimensão do esporte na educação deve ultrapassar largamente a finalidade exclusiva do domínio de técnicas e habilidades motoras. Não pretendemos com isso dizer que a aprendizagem das técnicas não é importante, pelo contrário, faz-se necessário um domínio razoável de técnicas e conhecimento de regras básicas para que seja possível a aprendizagem de algum esporte e o despertar de interesse por ele. Nogueira (2014) fala que os elementos do esporte de rendimento estão no esporte escolar. O que propomos aqui, porém, leva ao entendimento de que a finalidade do esporte dentro da escola deve ir além do ensino e prática de fundamentos esportivos, onde,

normalmente, ocorre a classificação dos alunos de acordo com suas destrezas e desempenho. Ao realizar uma reflexão neste contexto, é preciso imaginar que o esporte pode ser compreendido como um campo aberto para a descoberta e também exploração de uma gama enorme de significados, e, por isso, também de sentidos.

Ora, talvez neste ponto seja possível perceber a responsabilidade e competência que os professores de Educação Física necessitam ter. Torna-se evidente que aulas pautadas pelo modelo de esporte de rendimento, além de dar oportunidades somente aos mais habilidosos, terminam eliminando um número expressivo de possibilidades, vivências e aprendizagens que poderiam ser trabalhadas com aqueles alunos que, eventualmente, podem ser os que mais as necessitem. Tubino (2010) chega a comentar que o esporte na escola, com objetivos ligados ao rendimento, além de não construir aspectos que possam contribuir para a formação e educação dos alunos, pode ser inclusive prejudicial. Comentando sobre a influência do esporte de rendimento sobre o conteúdo esporte nas aulas o autor nos diz que:

[...] nas escolas, a reprodução do Esporte de Rendimento nas atividades esportivas significava uma deturpação de objetivos, pois, em vez de busca de uma formação educativa, os educandos eram estimulados à obtenção de resultados esportivos, muitas vezes em detrimento de preceitos educacionais. (TUBINO, 2010, p. 65).

Mesmo que a citação de Tubino se refira ao período em que o esporte começou a ganhar mais espaço nas aulas de Educação Física, ou seja, décadas atrás, pesquisas recentes, como citado antes, indicam que tais práticas continuam acontecendo. De modo contrário, na busca por aspectos ligados à formação e educação dos alunos por intermédio de práticas ligadas aos esportes, cabe aos professores proporem uma diversidade de atividades, com estímulos variados. Aqui parece estar um ponto-chave da discussão, já que a reprodução do modelo do esporte institucionalizado de rendimento, durante as aulas, bem como a escolha de limitados esportes, por vezes, termina restringindo aprendizagens e desfavorecendo a participação de todos. Richter, Gonçalves e Vaz (2011) comentam que, desde cedo, inclusive na Educação Física infantil, o esporte pode ser praticado e organizado nas aulas em um formato não convencional, fazendo com que a experimentação dos alunos com as modalidades esportivas possam ser pensadas e recriadas. Tal possibilidade pode fazer com que as atividades e jogos sejam facilitados ou tornados mais complexos, variando de acordo com os objetivos pretendidos e a partir das necessidades, interesses e dificuldades dos alunos. O incremento de possibilidades e adaptações nos jogos e nos esportes podem, com boa

chance, tornar a aula mais prazerosa e divertida, proporcionando também o envolvimento e interesse maior daqueles alunos com mais dificuldades, sejam estas motoras, cognitivas ou sociais. Para que isso aconteça, ao propor novas práticas aos alunos, seria importante que os professores estabelecessem com a turma canais de comunicação em uma linguagem compreensível, para que consigam mobilizá-los e intervir positivamente, favorecendo mudanças no campo esportivo e também social (GALATTI; PAES, 2006).

Betti e Zuliani (2002, p. 77) escrevem de aspectos relacionados ao tipo de metodologia que pode ser apropriada pelos professores nas aulas de Educação Física, fazendo um comparativo com outras disciplinas do currículo:

É oportuno observar que na Educação Física não há delimitação clara entre conteúdos e estratégias; muitas vezes, eles se confundem [...]. Esse rico acervo de estratégias e conteúdos, usado criativa e coerentemente por cada professor, em virtude de seus objetivos específicos, do contexto e das características e necessidades de sua clientela, possibilita à Educação Física a construção de uma metodologia de ensino singular em face das outras disciplinas, favorecendo em muito o desenvolvimento pleno do educando – afetivo, social e motor. (BETTI; ZULIANI, 2002, p. 77)

Ainda de acordo com estes autores, alguns princípios metodológicos gerais devem ser seguidos para o desenvolvimento das aulas de Educação Física. Ao tratar destes princípios, os autores sugerem que, no Ensino Médio, a disciplina deve ser desenvolvida a partir dos princípios da inclusão, da diversidade, da complexidade e da adequação.

A partir do que foi exposto, é possível perceber que a simples prática dos esportes durante as aulas não é suficiente, assim como as aulas que reproduzem o modelo do esporte de rendimento também não podem oferecer o que se espera do esporte educacional. É preciso possibilitar que as aprendizagens desenvolvidas por meio do esporte possam ser articuladas com outras vivências e aprendizagens, trabalhadas nas demais disciplinas e espaços da escola. De mesmo modo, é preciso que as aulas proporcionem momentos de realização e sucesso para todos os alunos (DARIDO, 2004), fazendo com que estes se sintam atraídos pelas práticas esportivas e que possam, gradativamente, desfrutar de diferentes meios de interagir, aprender e vivenciar situações importantes para a vida.

As novas abordagens pedagógicas da Educação Física podem dar um embasamento científico notável, proporcionando conhecimentos importantes para o planejamento e elaboração de aulas com o conteúdo de “esportes”, mas aos professores cabe a promoção de situações pedagógicas propositadas, para que uma variedade de experiências educativas e

formativas possa acontecer. Mais do que isso, é necessário que o olhar dos professores sobre as práticas pedagógicas esteja voltado para os alunos, bem como sobre as relações que eles constituem com o esporte, entre eles mesmos e com o professor.

### **Considerações finais**

Concordando com Carlan, Kunz e Fensterseifer (2012, p. 58), admitimos que mesmo diante de novas tendências e estudos na área da Educação Física, ainda são necessários avanços teóricos e pedagógicos que possam contribuir para que o esporte no contexto educacional seja compreendido em uma dimensão maior, além de sua simples prática, ou seja, “como um fenômeno sócio-histórico-cultural em que a Educação Física escolar produza a aquisição de um saber fazer e um saber sobre esse fazer do esporte” (CARLAN; KUNZ; FENSTERSEIFER, 2012, p. 58).

Talvez um dos erros mais recorrentes de boa parte dos professores ainda esteja no fato de reproduzirem sistematicamente o esporte institucionalizado nas aulas, não procurando desenvolver práticas pedagógicas diferenciadas que possibilitem um rico campo de vivências e aprendizagens, indo além do refinamento de técnicas ou fundamentos esportivos. Em razão disso, é possível imaginar que emergja precocemente um sentimento de competitividade entre os alunos, em que somente aqueles com boa coordenação motora, capacidades físicas avantajadas e dotados de habilidades esportivas são valorizados. Por outro lado, porém, aqueles com menor desempenho terminam se afastando cada vez mais das aulas, e o que é pior, por vezes, abdicando de todas as atividades físicas e do esporte de lazer também. O reflexo dessas experiências ruins pode levar alguns alunos a adotarem um estilo de vida sedentário, muitas vezes, para o resto de suas vidas.

Caminhando para o final deste texto, acreditamos na importância do esporte como um elemento que pode contribuir significativamente para o processo de formação, socialização e educação das crianças e jovens escolares. A partir do desenvolvimento de aulas que não classifiquem os alunos de acordo com seus méritos esportivos ou *performance*, mas, pelo contrário, apropriem-se de seus interesses, individualidades e diferenças, bem como de práticas pedagógicas pautadas por estímulos afetivos, sociais, cognitivos e físicos é que será possível formar alunos envolvidos com as atividades esportivas e mais conscientes de seus papéis e responsabilidades na sociedade, principalmente valorizando “os outros”. Cremos ser este um possível caminho que colabore para o processo formativo e educativo dos alunos,

fazendo com que estes conquistem a cidadania e que a Educação Física também possa ser responsável por ajudar a criar futuras gerações capazes de transformar a sociedade em um lugar melhor de se viver.

Nesse sentido, partilhamos integralmente da concepção segundo a qual o compromisso político da nossa área é continuar advogando que a referência para a prática do esporte, na escola, não deva ser o sistema esportivo formal, o “mercado” esportivo ou o esporte espetáculo, baseado no individualismo heroico, mas a própria escola e as práticas educativas que nela podemos criar e recriar, na viva experimentação de nosso ofício como educadores. (BRACHT; DE ALMEIDA, 2013).

Em um momento em que tanto se discutiu a permanência e importância da Educação Física como componente curricular, nada poderia ser melhor e mais adequado do que o desenvolvimento de aulas voltadas à formação integral dos alunos, favorecendo a autonomia, a autoconfiança, a cooperação e as sociabilidades. O esporte pode ser, sim, uma ótima alternativa e caminho para estas conquistas.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Marco Antônio Oliveira de; GOMES FILHO, Arnóbio. Competitividade e inclusão social por meio do esporte. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 33, n. 3, 2011.

BETTI, Mauro; ZULIANI, Luiz Roberto. Educação Física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte** – Ano 1, Número 1, p. 73-81, 2002.

BENTO, Jorge O. Da pedagogia do desporto. In: TANI, Go; BENTO, Jorge. O; PETERSON, Ricardo Demétrio de Souza. **Pedagogia do desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. Cap. 3, p. 26–40.

BRACHT, Valter; DE ALMEIDA, Felipe Quintão. Esporte, escola e a tensão que os megaeventos esportivos trazem para a Educação Física Escolar. **Em Aberto**, v. 26, n. 89, 2013.

BRACHT, V. Esporte na escola e esporte de rendimento. **Movimento**. Porto Alegre. Ano 6, nº 12, p. XIV-XXIV, 2000.

BRACHT, Walter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos Cedes**. Ano XIX, nº 48, ago. 1999. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/182210/mod\\_resource/content/1/Valter%20Bracht%20-%20A%20constitui%C3%A7%C3%A3o%20das%20teorias%20pedag%C3%B3gicas%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o%20f%C3%ADsica.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/182210/mod_resource/content/1/Valter%20Bracht%20-%20A%20constitui%C3%A7%C3%A3o%20das%20teorias%20pedag%C3%B3gicas%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o%20f%C3%ADsica.pdf)>

C3%A3o%20das%20teorias%20pedag%C3%B3gicas%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o%20f%C3%ADsica.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2017.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC / SEF, 1998. 114 p. Disponível em: <<http://cptstatic.s3.amazonaws.com/pdf/cpt/pcn/volume-08-educacao-fisica.pdf>>. Acesso em: 24 mai. 2016.

CARLAN, Paulo; KUNZ, Elenor; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. O esporte como conteúdo da Educação Física escolar: estudo de caso de uma prática pedagógica "inovadora". **Revista Movimento**. Porto Alegre, v. 18, n. 04, p. 55-75, out/dez de 2012.

CASTRO, Celso. Corpore sano - os militares e a introdução da educação física no Brasil. **Antropolítica**, Niterói, RJ, nº 2, p.61-78, 1º sem. 1997.

CASTRO, Jeimis N. Educação Física e Psicomotricidade: em busca de uma educação mais humanista. **Revista Digital EFDeportes.com**. Buenos aires: Ano 13, nº 124, set. 2008. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd124/educacao-fisica-e-psicomotricidade-em-busca-de-uma-educacao-mais-humanista.htm>>. Acesso em: 21 jul. 2017.

DAOLIO, Jocimar. A ordem e a (des)ordem na educação física brasileira. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**. Campinas, v. 25, n. 1, p. 115-127, set. 2003. Disponível em: <<http://rbce.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/179/186>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

DARIDO, Suraya C. Apresentação e análise das principais abordagens da educação física escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, nº 1, vol. 20, set. 1998.

DARIDO, Suraya C. A educação física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.18, n.1, p.61-80, jan./mar. 2004.

DARIDO, Suraya C; LAVOURA, Tiago N; BOTURA, Henrique M. L. Educação Física escolar: conhecimentos necessários para a prática pedagógica. **Revista da Educação Física**. Universidade Estadual de Maringá. Maringá, v. 17, nº 2, p. 203-209, 2006.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro**. São Paulo, 3ª ed., Scipione, 1992.

GALATTI, L. R.; PAES, R. R. Fundamentos da pedagogia do esporte no cenário escolar. **Revista Movimento e Percepção**, Espírito Santo do Pinhal, São Paulo, 2006.

GOIS JR. Edivaldo. **Os higienistas e a educação física: a história dos seus ideais**. 2000. 183f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <[https://sanny.com.br/downloads/mat\\_cientificos/oshigienistas.pdf](https://sanny.com.br/downloads/mat_cientificos/oshigienistas.pdf)>. Acesso em: 20 jul. 2017.-+

GONZALEZ, Natália M; PEDROSO, Carlos A. M. de Queiroz. Esporte como conteúdo da Educação Física: a ação pedagógica do professor. **EFDeportes.com**. Revista Digital. Buenos

Aires, ano 15, nº 166, 2012. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd166/esporte-como-conteudo-da-educacao-fisica.htm>>. Acesso em: 16 jun. 2017.

JÚNIOR, Wanderley Marchi. O esporte “em cena”: perspectivas históricas e interpretações conceituais para a construção de um Modelo Analítico. **The Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sport** (ALESDE), v. 5, n. 1, p. 46-67, 2016.

GONÇALVES JUNIOR, Pedro M.; SECRETO, Saulo A. de S; MENEGON, Rodrigo R. Perspectivas pedagógicas da educação física escolar: Resgatando o que virou história. **Revista Conexão Eletrônica**. Três Lagoas, MS, vol. 14, nº 1, 2017.

KORSAKAS, Paula; ROSE JUNIOR, Dante de. Os encontros e desencontros entre esporte e educação: uma discussão filosófico-pedagógica. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo: Ed. Mackenzie, ano I, nº 1, p. 83-93, 2002.

KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do Esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994.

KYLE, Donald G. **Sport and Spectacle in the Ancient World**. Malden. Oxford: Blackwell Publishing, 2007.

LESSA, Fábio de Souza. Esporte na Grécia antiga: um balanço conceitual e historiográfico. **Revista de História de Esporte**. vl. 1, n. 2, dez. 2008. Disponível em: <[http://www.sport.ifcs.ufrj.br/record/pdf/recordV1N2\\_2008\\_11.pdf](http://www.sport.ifcs.ufrj.br/record/pdf/recordV1N2_2008_11.pdf)>. Acesso em: 19 jul. 2017.

LIMA, Rubens Rodrigues. Para compreender a história da Educação Física. Educação e Fronteiras Online. **Revista Eletrônica Pesquiseduca**, Dourados/MS, v. 2, nº 5, p. 149-159, mai/ago. 2012.

LIMA, Rubens Rodrigues. História da Educação Física: Algumas pontuações. **Revista Eletrônica Pesquiseduca**. Santos, v. 7, nº 13, p. 246-257, jan/jun. 2015.

MACHADO, Gisele Viola; GALATTI, Larissa Rafaela; PAES, Roberto Rodrigues. Pedagogia do esporte e projetos sociais: interlocuções sobre a prática pedagógica. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 405-418, abr/jun, 2015.

MAGALHÃES, Carlos H. F. Breve histórico da educação física e suas tendências atuais a partir da identificação de algumas tendências de ideais e idéias de tendências. **Revista da Educação Física**. Universidade Estadual de Maringá, v. 16, n. 1, p. 91-102, 2005. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3410>>. Acesso em: 14 jul. 2017.

MEZZARROBA, Cristiano. O impulso lúdico, a experiência estética e a cultura midiática esportiva: esboçando aproximações e possibilidades. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, v. 1, n. 1, p. 53-75, 2017.

MOURÃO, Ludimila N; MOREIRA, Letícia R; SILVA, Renan da. Representações de inclusão e exclusão na educação física escolar. Porto Alegre, 2011. **Anais do XVII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte**. Disponível em: <<http://congressos>>.

cbce.org.br/index.php/conbrace2011/2011/paper/download/3278/1514>. Acesso em: 17 mai. 2017.

NOGUEIRA, Quéfren Weld Cardozo. Esporte educacional: entre rendimento e participação. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 12-26, ago. 2014.

PEREIRA, Fabio Alves dos Santos. **Educação Física Escolar: Um estudo crítico sobre o esporte**. 2007. 61f. Monografia (Especialização) – Universidade de Brasília. Centro de Ensino a Distância, São Paulo, 2007.

RICHTER, Ana C; GONÇALVES, Michelle C; VAZ, Alexandre F. Considerações sobre a presença do esporte na educação física infantil: reflexões e experiências. **Educar em Revista**, Curitiba: Editora UFPR, nº 41, p. 181-195, jul/set. 2011.

SAYÃO, Marcelo Nunes. O culto (in) quieto do eu eficaz. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 37, n. 1, p. 35-41, 2015.

SBP. Sociedade Brasileira de Psicomotricidade. Disponível em: <[www.psicomotricidade.com.br](http://www.psicomotricidade.com.br)>. Acesso em: 16 mai. 2017.

SILVA, Wellington Nogueira Leite da; NETO, Manuel Pacheco. A mídia esportiva e a sua relação com a Educação Física escolar. **Horizontes Revista de Educação**, v. 4, n. 8, p. 60-79, 2017.

SILVÉRIO, Karine M. da S. **Educação Física escolar: o esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental**. 2010. 40 f. Monografia. Diretoria de Pós-Graduação da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC. Criciúma, 2010. Disponível em: <<http://www.bib.unesc.net/biblioteca/sumario/000042/00004237.pdf>>. Acesso em: 23 mai. 2017.

SOUSA, Reginaldo C. Práticas de esporte, educação física e educação moral e cívica na ditadura militar: uma higiene moral e do corpo. **Cadernos de História**. Belo Horizonte, v. 16, n. 25, p. 373-395, 2015. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/viewFile/P.2237-8871.2015v16n25p373/8946>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

TAFFAREL, Celi Zulke; MORSCHBACHER, Marcia. Crítica à teoria crítico-emancipatória: um diálogo com Elenor Kunz a partir do conceito de emancipação humana. **Corpus et Scientia**. Rio de Janeiro v. 9, n. 1, p. 45-64, jan. 2013. Disponível em: <<http://apl.unisuam.edu.br/revistas/index.php/corpusetscientia/article/view/253/200>>. Acesso em: 23 abr. 2017.

TANI, Go. Abordagem Desenvolvimentista: 20 anos depois. **Revista da Educação Física**. Universidade Estadual de Maringá, v. 19, n. 3, p. 313-331, 3. trim. 2008. Disponível em: <<http://eduem.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/5022/3684>>. Acesso em: 15 mai. 2017.

TUBINO, Manoel J. Gomes. **Estudos brasileiros sobre o esporte: ênfase no esporte-educação**. Maringá: Eduem, 2010.

TUBINO, Manoel J. Gomes. **Dimensões sociais do esporte**. 2ª edição revisada. São Paulo: Cortez 2001.

VAZ, A. F. **Teoria Crítica do Esporte: origens, polêmicas, atualidade**. Ano 3, número 7, nov.2007/fev., 2008.

### SOBRE OS AUTORES

#### **Hans Gert Rottmann**

Doutorando em Educação pela Universidade La Salle (UNILASALLE). Membro do Grupo de pesquisa: Cultura contemporânea, sociabilidades e práticas educativas. E-mail: gertesportes@yahoo.com.br

#### **Cleber Gibbon Ratto**

Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade La Salle (UNILASALLE). Pesquisador do CNPq. Bolsista de Produtividade. Grupo de pesquisa: Cultura contemporânea, sociabilidades e práticas educativas. E-mail: cleber.ratto@unilasalle.edu.br

Recebido em: 08 de agosto de 2017  
Aprovado em: 14 de setembro de 2017